

MUROS E CERCAS

a linha do lote materializada na cidade

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

CARNEIRO, Elisa Zocca

Mestre; Doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo

elisa.carneiro@usp.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a materialização da linha do lote na cidade, muros baixos e cercas que conformam os terrenos de ruas do bairro Villa Cerqueira Cesar, nas primeiras décadas do século XX, na cidade de São Paulo. Lidos como elementos de fronteira, que simultaneamente separam e unem espaços, analisamos diversas fontes buscando compreender estas linhas e cercas: imagens como plantas de pedidos de aprovação, cartografias de época, fotografias aéreas, além de notícias de jornais e atas da câmara. A partir destas fontes entrecruzadas e especializadas propomos uma nova forma de olhar para a cidade e suas imagens, como espaços contínuos de intensa circulação de pessoas, carros, carroças, animais.

Palavras-chave: representação; linha do lote; cercas; fundos; cartografia.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article aims to discuss the materialization of property lines in the city—the low walls and fences that demarcate street-facing lots in the Villa Cerqueira Cesar neighborhood during the early decades of the 20th century in the city of São Paulo. Viewed as border elements that simultaneously separate and unite spaces, we analyze various sources to understand these lines and fences: images such as plans for construction requests, maps, aerial photographs, as well as newspaper articles and city council minutes. Based on these intertwined and spatialized sources, we propose a new way of looking at the city and its images, as continuous spaces of intense circulation of people, cars, carts, and animals.

Keywords: representation; plot boundary; fences; land; cartography.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar la materialización de la línea de la parcela, el lote, en la ciudad, los muros bajos y las cercas que delimitan los terrenos de las calles del barrio Villa Cerqueira Cesar, en las primeras décadas del siglo XX, en la ciudad de São Paulo. Considerados como elementos fronterizos, que simultáneamente separan y unen espacios, analizamos diversas fuentes con el fin de comprender estas líneas y cercas: imágenes como planes de aprobación de construcciones, cartografías de la época, imágenes aéreas, además de noticias de periódicos y actas de la cámara. A partir de estas fuentes entrecruzadas y espacializadas, proponemos una nueva forma de mirar la ciudad y sus imágenes, como espacios continuos de intensa circulación de personas, carros, carretas y animales.

Palabras clave: representación; línea de lote; cercas; fondos; cartografía.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

A cidade que escolhemos evidenciar neste artigo, está intensamente vinculada às imagens dela produzidas. É composta por seus artefatos fabricados, muros, cercas, objetos aos quais foram impostos sentidos, e que simultaneamente também produziram sentidos nos espaços em que estão inseridos. Partindo desta perspectiva de Ulpiano Bezerra de Meneses (Meneses, 1996), além do fisicamente construído no espaço, também compõem a cidade as forças que, de forma tensionada, produziram e foram produzidas por essas materialidades, resultado das representações sociais que orientam intervenções de agentes. Propomos neste artigo olhar para algumas imagens, cruzadas com outras fontes, buscando compreender nelas essas dimensões de cidade articuladas, nos afastando da constante ideia de que imagens dizem verdades de um território (Kuvasney, 2020).

Para conseguir compreender as dimensões da cidade descritas por Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, escolhemos um elemento que nos permite questionar sua materialidade e representações: a linha do lote. Esta é constantemente desenhada em dois conjuntos de imagens que analisaremos neste texto: o Mapa Sara Brasil e os pedidos de aprovação de construções. No mapa, é esta linha que, em conjunto com as edificações, conformam as quadras desenhadas. É com esta linha que a quadra do bairro de Villa Cerqueira César aqui estudada¹ é dividida em duas partes na sua maior largura, e depois retalhada em lotes profundos, com frentes mínimas. Como veremos, pouquíssimas são as construções que não estão cercadas por estas linhas no mapa, confinando o materialmente construído, reiterando que aquela cidade desenhada é feita de áreas que só podem estar ou dentro, ou fora desta linha.

Mas como foram desenhadas e estabelecidas estas linhas no mapa? Foram traçadas comparando projetos aprovados na prefeitura com as imagens aéreas? Ou será que, a partir das definições estabelecidas nas legislações, os limites de lotes foram assim riscados, como se esperaria que estivessem materializados na cidade?

Estas perguntas iniciam nossa discussão neste artigo, flexibilizando linhas precisas em imagens. Partimos de uma compreensão de que o dentro e o fora pode ser indefinido: propomos analisar as

¹ Parte da discussão proposta neste artigo foi também argumentado na dissertação de mestrado intitulada *Nos fundos da casa, o avesso da cidade*, na FAU-USP, com bolsa Fapesp (Carneiro, 2025). Para este artigo foram selecionadas fontes de uma das ruas pesquisadas, a Rua Capote Valente, parte do bairro que na primeira metade do século XX era compreendido por moradores como Villa Cerqueira Cesar. Hoje esta região faz parte da Subprefeitura de Pinheiros, e do bairro de Pinheiros, na região sudoeste e central da cidade de São Paulo.

PENSAR FORA DO EIXO

linhas do lote como parte de uma mesma ação, que as compreende não como divisor de espaços, mas como um conjunto inseparável:

Enquanto na correlação entre divisão e reunião, a ponte acentua o segundo termo e supera o distanciamento das suas extremidades ao mesmo tempo que o torna perceptível e mensurável, a porta ilustra de maneira mais clara até que ponto separação e reaproximação nada mais são do que dois aspectos do mesmo ato. (Simmel, 1996, p. 3)

Neste artigo, em um primeiro momento analisaremos imagens que nos contam uma perspectiva da cidade de São Paulo, da primeira metade do século XX, cartografias e imagens aéreas questionadas em relação aos seus contextos de produção. Em um segundo momento, e partindo das flexibilizações propostas através destas imagens, buscamos compreender como a linha do lote, visualizada em mapas e plantas² da cidade, foi construída nas casas do bairro Villa Cerqueira Cesar. As fontes utilizadas para analisar este território são múltiplas: para além das imagens já citadas, lançamos mão de jornais de época e atas da câmara municipal³, que ao serem cruzadas entre si pelos endereços, são o recurso metodológico empregado para conseguir compreender como a cidade é formada, no encontro de forças dos muitos agentes que ali atuam (Borin, 2017).

1 DA FOTO AO MAPA, DO MAPA A FOTO

O *Mappa Topographico do Município de São Paulo*, cartografia de 1930⁴, se trata de um conjunto de imagens constantemente utilizadas para contar a história da cidade que desenha. Executado pela empresa Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici (nome que forma a sigla S.A.R.A. que dá nome ao mapa), as imagens são compostas por cheios e vazios: ou um espaço têm uma edificação materialmente construída ou é vazio, e portanto, sem construções (Figura 1).

² As plantas apresentadas neste artigo são documentos parte da Série de Obras Particulares do Arquivo Histórico Municipal da cidade de São Paulo (SOP AHM), consultados ao longo de 2024, para ruas do bairro Villa Cerqueira Cesar.

³ Os jornais aqui utilizados foram retiradas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>, acessos de agosto de 2021 a janeiro de 2024. Também foram consultadas as Atas da Câmara Municipal do Centro de Memória (CMSP), que são referidas pelo número e data da “Sessão Ordinária” (SO), disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/> acessos de agosto a novembro de 2021.

⁴ As pranchas que selecionamos para este artigo se tratam da escala 1:5.000, disponíveis para consulta e georreferenciadas no site GeoSampa: https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx . Acesso 03/11/2024. Neste artigo utilizaremos a nomenclatura “mapa Sara Brasil” para nos referirmos à este conjunto de imagens.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 1. Recorte de quadras do bairro de Villa Cerqueira Cesar, do Mapa Sara Brasil de 1930.



Fonte: GeoSampa, 1930.

As linhas e preenchimentos têm seus significados marcados nas "convenções" (Figura 2), legendas ao pé da folha do mapa: ali vemos linhas contínuas representando "ruas oficiais", tracejadas significam "estradas ou ruas mal definidas", entre outros símbolos. Os traçados dos lotes marcam propriedades, estabelecendo a partir da linha uma área de dentro, onde estão as construções daquele dono, e um lado de fora com a rua, ou o vazio sem indicação. Vemos áreas de "depressões periodicamente inundadas", "brejos", "mattas", "capoeiras", e regiões marcadas apenas pelas curvas de nível da topografia.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 2. Legendas, ou "Convenções", indicadas no rodapé de cada folha do Mapa Sara Brasil.



Fonte: GeoSampa, 1930. Carneiro, 2025.

O mapa Sara Brasil foi realizado a partir de fotografias aéreas, em um contrato entre a empresa italiana *Società Anonima Rilevamenti Aerofotogrammetrici* (S.A.R.A.) e o município de São Paulo. Uma vez tiradas as fotografias, estas foram reveladas e enviadas a Roma para serem transformadas da perspectiva cônica à cilíndrica, utilizando equipamentos desenvolvidos pelo fotcartógrafo Humberto Nistri, num processo "no qual cada par de imagem era exposto alternadamente num curto período de tempo, permitindo determinar os pontos com a mesma altura, reconstituindo as curvas de nível [...]" (Mendes, 2014, p. 126).

A partir de uma foto, portanto, se produziu um desenho. Mas quais foram os critérios utilizados para a tradução realizada de uma imagem à outra? O espaço fotografado foi analisado a partir da imagem aérea, e dele foram escolhidos os elementos que seriam desenhados, vemos algumas destas escolhas descritas nas "convenções" ao pé do mapa (Figura 2), estas criam para a imagem uma linguagem. Esta linguagem cartográfica aqui é compreendida como um dos inúmeros pontos de vista possíveis para a leitura de mapas como imagens, que mediam diferentes visões de mundo, e indicam os códigos utilizados para traduzi-las (Harley, 2009).

Constituir uma imagem precisa e detalhada nas informações desenhadas era um dos grandes objetivos deste mapa, questão característica também do momento em que este foi produzido. A produção cartográfica nos séculos anteriores ao XX havia passado por um processo de especialização, onde o desenho retratado e o território se constituíram como inseparáveis, um

PENSAR FORA DO EIXO

espelho da realidade. Mapas anteriores ao século XVIII, por exemplo, se utilizavam do mito e do imaginário para desenhar os territórios, planos verticais e horizontais de mesclavam, não por falta de técnicas avançadas, mas por serem elementos que compunham referências dos universos ali representados (Lévy, 2008).

Com o passar dos séculos estes elementos foram sendo eliminados das cartografias. A criação de ferramentas de análises territoriais e populacionais como censo e estatísticas, instrumentos importantes para a construção de fronteiras e limites de países ao longo do século XIX, foi espelhando e associando pouco a pouco estas imagens aos territórios que desenhava. As imagens "[...] impõe-se como uma percepção do território. Não inventa o sentido do espaço, mas dá-lhe forma — perceptiva, conceptual, técnica — que acaba por parecer indissociável da própria espacialidade" (Revel, 1989, p. 141). Realidade e imagem passam por um processo de unificação, almejando serem reflexos uma da outra; dessa forma são pouco explícitas na imagem as distorções intencionais dessa realidade, feitas para atingir o objetivo buscado na sua produção. Por vezes muitas destas imagens não são acompanhadas de investigações sobre seus processos de confecção, deixando cada vez menos explícitas as escolhas realizadas por aqueles que as criaram. São colocados nos mapas espaços aparentemente vazios, características manipuladas, por vezes censuradas, dependendo dos objetivos daqueles que os encomendam (Harley, 2009)⁵.

O Mapa Sara Brasil, sendo uma dessas imagens, escolheu através dos técnicos responsáveis por sua produção e encomenda, desenhar uma realidade da cidade de São Paulo retratada nas fotografias que lhe serviram como base. Nenhum levantamento com aquela extensão havia sido realizado para a cidade até então, o que por sua vez permitiu compreender a mancha urbana do período. Com desenhos em duas escalas, todo o município na escala 1:5.000, e áreas centrais da cidade em pranchas mais detalhadas na escala 1:1.000, ambas registraram as edificações lote a lote⁶. A propriedade particular é intensamente priorizada no mapa, poucas são as áreas que não estão delimitadas por linhas de fronteira de lote.

⁵ É importante destacar que apesar de escolhermos para este artigo discutir o Mapa Sara Brasil, cartografias anteriores já operavam distorções que reforçavam os objetivos daqueles que criavam e encomendaram estas imagens. Este argumento é evidente na cidade de São Paulo com uma série de cartografias anteriores a 1930, que operaram ativamente e intencionalmente o espraiamento urbano para certas direções, desenhando loteamentos aprovados, mas ainda não implantados. Os espaços eram traçados no mapa de acordo com a intenção de vendas de lotes e implantação de melhoramentos urbanos (Kuvásney, 2016, 2017).

⁶ Além do Mapa Sara Brasil, destacamos aqui a "Planta da cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos", de 1881 (Disponível em <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1881.htm> acesso 06/11/24), e o mapa realizado para o "Relatório da Comissão de exame e inspecção das habitações

PENSAR FORA DO EIXO

O mapa nos traça uma cidade de forma muito detalhada. O bairro de Villa Cerqueira Cesar, foco deste artigo, foi desenhado na escala menos detalhada em comparação à área central, mas mesmo assim a ampliação permite perceber especificidades de cada lote. As construções foram delineadas por suas vistas superiores: polígonos contornados com linhas pretas e preenchidos com marrom, que não estão traduzidas na legenda do mapa. É possível notar diferentes tipologias de casas, geminadas, isoladas no lote, fábricas, edículas, pequenos prédios, toda uma diversidade de edificações existentes na cidade à época, e que só podem ser identificadas a partir de interpretações dos desenhos, pois estas não foram categorizadas em lugar algum (Figura 3).

Figura 3. Recortes de quadras desenhadas no Mapa Sara Brasil, por diferentes áreas da cidade.



Fonte: GeoSampa, 1930; Carneiro, 2025.

O uso de polígonos para delinear todas as construções, um desenho que destaca o cheio e o vazio, foi uma escolha feita por aqueles que produziram o mapa que evidencia recuos frontais e laterais, perceptíveis através da linha do lote que sempre é traçada. Estas imagens do Mapa Sara Brasil foram construídas por um processo de tradução: a partir do olhar às fotografias aéreas foram definidas uma série de critérios, e o que foi visto na imagem, somado aos objetivos daqueles que as encomendaram, foi desenhado no mapa da cidade. O mapa aqui é uma imagem que integra essa construção da cidade, que serve de suporte às representações sociais que operam para sua construção (Meneses, 1996).

operárias e cortiços no Distrito de Sta. Ephigenia", elaborado em 1893 (APESP), que também retrataram partes da cidade lote a lote.

PENSAR FORA DO EIXO

A partir deste processo de tradução, podemos compreender outras imagens da cidade, e as materialidades que estas articulam, de uma nova forma. As fotografias aéreas de 1940 (Figura 4), foram imagens que resultaram de um acordo entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo à época⁷. Estas foram produzidas como instrumentos ao desenvolvimento da agricultura do estado, com o plano da produção de cartografias posteriores baseadas nas imagens, da mesma forma como havia sido realizado para o mapa Sara Brasil na década anterior. As fotografias compõem um mosaico de 303 imagens, em certos momentos com áreas sobrepostas, gerando algumas lacunas no levantamento; as cartografias que resultariam destas imagens até onde sabemos não foram elaboradas (Mendes, 2015).

Figura 4. Conjunto de fotografias de 1940 da região sudoeste da cidade de São Paulo.



Fonte: GeoSampa, 1940; Carneiro, 2025.

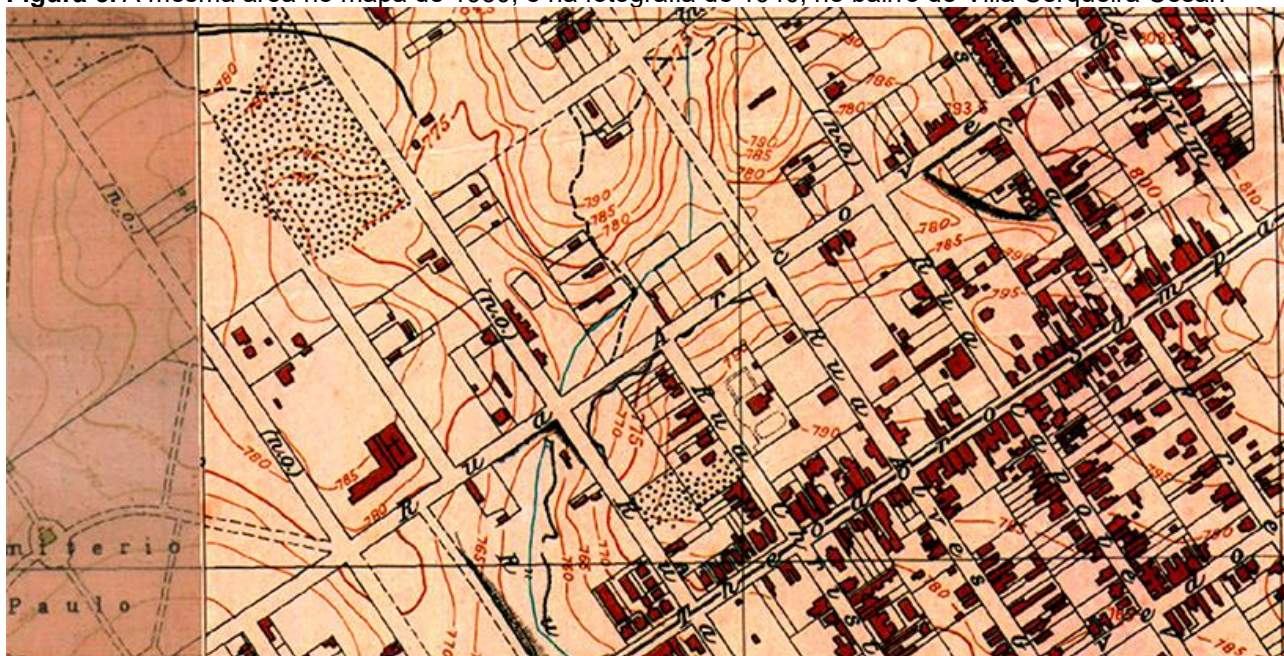
A cidade também pode nestas imagens ser interpretada pelos seus cheios e vazios, como fizemos no Mapa Sara Brasil. Mas no caso de 1940 não existe legenda que traduza os signos desenhados no mapa, apenas uma interpretação livre por quem a vê. Da imagem de 1930 à de 1940 vemos uma série de elementos que mudam, novos desenhos em uma que não figuram na outra, quando comparamos os mesmos recortes (Figura 5). Em 1940 vemos campos de futebol, sombras de árvores e de materialidades que não conseguimos precisar. A linha do bonde que descia a Rua

⁷ As imagens aéreas estão disponíveis para consulta e georreferenciadas no site GeoSampa: <https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/SBC.aspx>. Acessos em novembro de 2024.

PENSAR FORA DO EIXO

Teodoro Sampaio no bairro Villa Cerqueira Cesar perde a força e peso de uma linha contínua escura, que a simboliza no Sara Brasil, quase não a vemos na imagem aérea. As curvas de nível, tão constituidoras como o fundo do mapa, não são mais percebidas em 1940. Ruas traçadas no Sara Brasil diminuem, ou as vemos como ruas sem saída em 1940 — estas ficam anônimas, perdem suas toponímias.

Figura 5. A mesma área no mapa de 1930, e na fotografia de 1940, no bairro de Villa Cerqueira César.



Fonte: GeoSampa, 1930 e 1940; Carneiro, 2025.

PENSAR FORA DO EIXO

A linha do lote, foco deste artigo, é constantemente desenhada no Mapa Sara Brasil, mas chega a ser invisível nas imagens de 1940, não conseguimos compreender como esta se traduz materialmente na cidade, seja através de muros ou de cercas. Por sua vez, ganham protagonismos na imagem temporalmente posterior os diferentes caminhos, às vezes retilíneos e largos, e por vezes finos e curvos, marcados por linhas brancas de chão de terra batida, em meio a áreas com e sem construções que parecem campos ou matas em preto escuro.

Na imagem aérea de 1940 vemos desenhados caminhos interiores à quadra, possivelmente pequenas ruas de terra batida: uma sucessão de pessoas, passam sempre pelos mesmos trajetos, criando conexões materiais no espaço — muitos não desenhados na Mapa Sara Brasil. Essa ausência pode ser consequência da década que separa ambos mapas, e das mudanças na cidade naqueles anos. Mas também podemos interpretar como uma consequência das escolhas feitas para o que seria ou não desenhado, e com qual protagonismo, no Mapa Sara Brasil. Estas trilhas cortam as quadras e ruas oficiais, tensionando uma caracterização do espaço como estanque, fechado entre muros — e colocam no território a agência de pessoas comuns diariamente circulando a pé, por carroças e posteriormente carros, por entre esses espaços.

2 MURO DA FRENTE, MURO DOS FUNDOS

A linha do lote, desenhada no Mapa Sara Brasil no bairro de Villa Cerqueira Cesar, geralmente consistia em quatro ou mais linhas formando polígonos ao redor das construções, confinando estes espaços. Ficam evidentes com esta forma de representação, como discutimos, recuos laterais nas frentes e nos fundos das construções, mas não sabemos através das legendas do mapa se estas linhas existiam materializadas na cidade. Estes lotes são divididos por muros? Estas linhas no cotidiano das pessoas que viviam neste bairros eram cercas? O olhar para a imagem de 1940 não permite visualizar estes muros e cercas, e sim caminhos que parecem ultrapassar linhas de lote, seriam estas linhas do lote apenas existentes nos mapas? Estes questionamentos nos impulsionam a pensar como estava materializada esta linha na cidade, e para isso, aqui recorremos a outras fontes.

O primeiro passo para começar a construir na São Paulo do início do século XX era um pedido à prefeitura para a definição do alinhamento. Uma vez feito este pedido, a municipalidade, através de "paus enfileirados", marcava a divisão entre frente do lote e a rua (Lemos, 1999, p. 13). Ali deveria

PENSAR FORA DO EIXO

ser construída uma barreira, ou já as paredes dos cômodos nas regiões em que estes fossem permitidos pela legislação de estarem alinhados à linha de frente do lote.

Em seguida, o interessado em construir uma casa realizava o requerimento da construção de muros e de passeios em frente aos lotes, com as plantas da casa que ali seria construída. Estes desenhos técnicos arquitetônicos⁸ foram exigidos obrigatoriamente para a aprovação de construções na prefeitura a partir da lei municipal nº 38, de 24 de maio de 1893 (Paulillo, 2017, p. 26), e deveriam conter a implantação da construção no lote, planta da edificação, cortes e fachada, acompanhadas de um memorial construtivo⁹.

A cidade foi dividida por legislações em zonas, e para cada uma definidos recuos e alinhamentos específicos. O bairro de Villa Cerqueira Cesar se encontrava na zona suburbana para a qual as edificações poderiam ser recuadas do alinhamento. Nestes casos “[...] a frente da propriedade será fechada por meio de gradil ou balaustrada, assente sobre um embasamento de alvenaria. Este fecho, se não puder ser em toda a extensão da propriedade, ao menos na parte correspondente à edificação será de gradil ou balaustrada”¹⁰. O muro da frente é, portanto, exigido pela diretoria de Obras e Viação que aprovava estes projetos de construção. Já os pedidos de muros para as laterais ou fundos dos lotes estão presentes em poucas aprovações das ruas analisadas, evidenciando uma diferença no olhar para as áreas constituidoras da linha do lote.

Analisando a construção pedida para o número 43 da Rua Capote Valente conseguimos compreender este processo de aprovação. O primeiro pedido foi feito em 14 de dezembro de 1921, por Antonio Gengo, para *“construir 10 metros de muro da frente a Rua Capote Valente nº 43. Vem requerer o necessário alinhamento, licença e guia para efetuar o pagamento do imposto definido”*¹¹. Já no ano seguinte, é realizado outro pedido em nome do engenheiro construtor Emilio Monarco, para a construção de uma casa de propriedade de Antonio Gengo, este sim acompanhado de uma planta (Figura 6)¹².

⁸ As plantas arquitetônicas, são desenhos técnicos que compreendemos neste artigo de forma semelhante aos mapas, imagens dotadas de uma linguagem própria (Arango, 2006). Estas apresentam uma série de símbolos com significados estabelecidos dentro do campo da arquitetura e do urbanismo: linhas com maior ou menor peso gráfico, códigos e símbolos compartilhados por aqueles que aprendem.

⁹ Projeto nº 79, aprovado em 1917 na Câmara Municipal. 41ª SO, 20/10/1917.

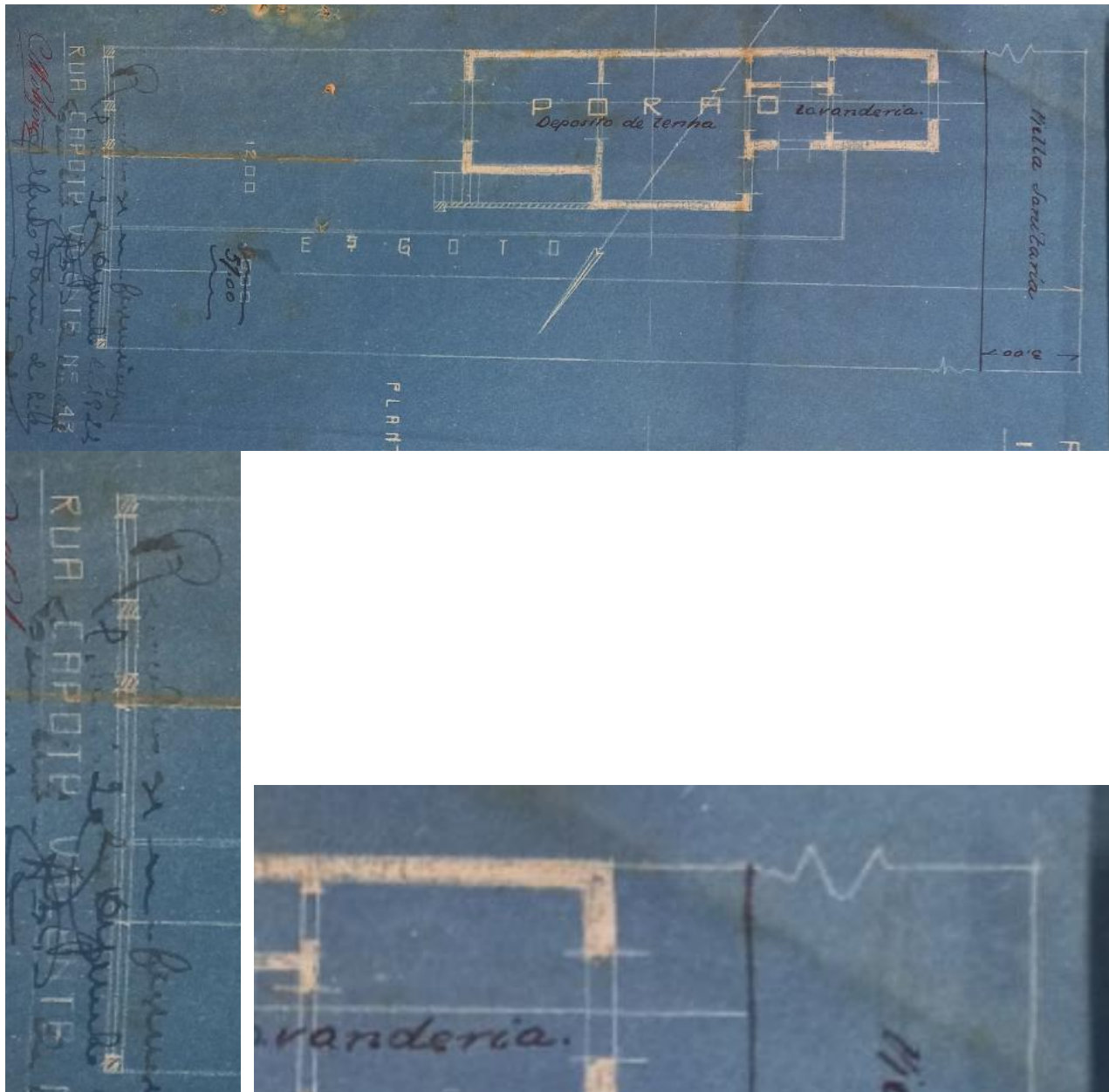
¹⁰ *Idem*.

¹¹ SOP AHM, caixa 3, doc 15, 14/12/1921. A grafia do nome do proprietário muda ao longo dos processos, adotaremos aqui “Antonio Gengo”.

¹² SOP AHM, caixa 5, processo 76340C, 21/12/1922,

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 6. Pedido de Antonio Gengo: implantação da casa no lote, recortes ampliados do muro da frente e linha do lote aos fundos.



Fonte: SOP AHM, 1922.

A planta da casa nos mostra um lote profundo, com medidas de 10 metros de frente, onde seria construído o único muro pedido para aprovação, e 40 metros de profundidade. Nas ampliações (Figura 6) é possível notar um gradil ou balaustrada de madeira, como descrito nas indicações da câmara municipal, representado na sua vista superior com quatro linhas paralelas próximas entrecortadas por quadrados preenchidos. Já as laterais e fundos do lote são desenhadas com

PENSAR FORA DO EIXO

linhas simples, interrompidas por um zigue-zague, uma linha de corte que indica que o lote em escala seria desenhado muito maior, mas que para ser acomodado na planta junto a outros desenhos, foi diminuído e desenhado parcialmente. Estas formas de omitir parte do terreno aparecem em muitos pedidos do período, que interpretamos como uma sutil indicação de que a área cortada não tem elementos importantes para a aprovação, de que esta é apenas “vazio”.

Estas omissões de desenhos são escolhas do que será ou não desenhado, e nos interessam pois evidenciam as intenções de cidade que se pretendia controlar e construir nesses projetos. As plantas são acompanhadas de memoriais construtivos, que nos indicam quais materiais serão utilizados para cada parte da construção, mas não vemos ao longo deste, ou do projeto, qualquer menção à existência de muros que não sejam esta pequena mureta em frente ao lote.

Da mesma forma como foi realizado no Mapa Sara Brasil de 1930, o processo de tradução entre o que é desenhado e o que foi construído na cidade, nos coloca uma tensão. Algumas partes, como o muro na frente e fundos do lote, são traduzidas de formas diferentes nas plantas evidenciando escolhas feitas pelos projetistas. Compreendemos estas escolhas como indícios das intenções para a cidade que aqui queremos analisar (Ginzburg, 1989). Estes pequenos símbolos como o zigue-zague cortando parte grande dos fundos do lote subentende que o lugar que ficou de fora do desenho não é tão essencial para aquele que faz o projeto, e também para aqueles que o aprovam na Diretoria de Obras e Viação. Em compensação, aquele que ali habita, uma vez construído aquela edificação, utiliza esse espaço das mais diversas formas, e com uma ênfase muito diversa da explicitada nessas plantas. O quintal é, afinal, um espaço essencial para as casas de famílias dos mais diversos setores, espaço de produção de alimentos, das mais diversas formas de trabalho, de festas e celebrações, de conflitos, e inúmeras outras atividades¹³.

Uma vez feito este pedido de aprovação, nem sempre estes eram aprovados sem comentários. Para além dos desenhos nas plantas, muitos desses processos foram rejeitados em um primeiro momento, alterações são pedidas, faltam documentos, ou faltam desenhos exigidos pelos funcionários da Diretoria de Obras e Viação. Observar estes comentários, em conjunto com os desenhos, nos ajuda a compreender o distanciamento existente entre a cidade projetada e a praticada em seu cotidiano, que não necessariamente figura nas plantas.

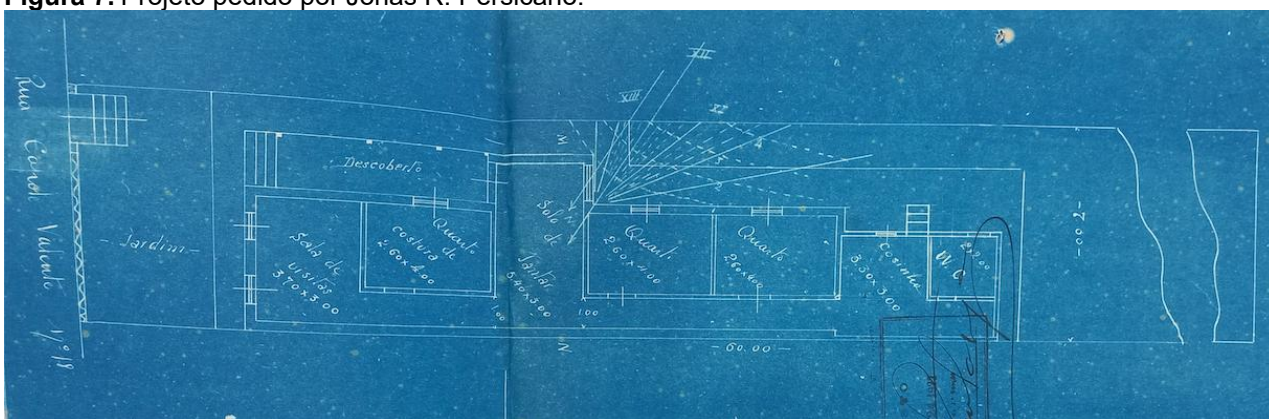
¹³ São diversas as bibliografias que discutem as inúmeras atividades realizadas no espaço do quintal, por muitos setores sociais, ao longo da primeira metade do século XX. Destacamos os trabalhos de Carlos Lemos (1976, 1999), Roberto Moura (1995), Nestor Goulart Reis Filho (1994), José Meneses (2015), Julia O'Donnell (2021), Bianca Lucchesi (2018, 2021), Joana Oliveira e Fabiana Palmeira (2022)

PENSAR FORA DO EIXO

Outro requerente da mesma Rua Capote Valente, Jonas R. Persicano, realiza um pedido de aprovação de construção em 1922, e recebe comentários para que este fosse refeito: *"Faltam no projeto: Planta de situação (art. 27 C) b) justificar a insolação ou dimensões dos saguões [...] c) Assinatura do proponente [...] O muro da frente deve levar gradil ou balaustrada [...] O portão de entrada deve ter 1,30 [...]"*¹⁴. Persicano refaz o pedido, de acordo com as exigências da municipalidade, inserindo no processo uma nova planta da construção. Os elementos ausentes no pedido de Persicano impõem regras que não são seguidas por ele: a linha do lote deve ser definida materialmente na cidade pela frente do lote — a propriedade daquele lote deve ser marcada a partir do desenho e da construção física de uma mureta que divide a frente do lote, da rua. A exigência da municipalidade é clara: o proprietário deve marcar esta passagem de um espaço a outro, da quadra à calçada, do interior do lote à rua.

Nas plantas do pedido de Jonas R. Persicano (Figura 7) vemos outra forma de desenhar este muro na frente da casa a esquerda da imagem: duas linhas paralelas com uma linha que as conecta com um zigue-zague. Nos fundos e laterais à direita da imagem o desenho do lote é representado com uma linha fina contínua, interrompida e logo continuada na área dos fundos do lote, onde não existem construções para serem aprovadas.

Figura 7. Projeto pedido por Jonas R. Persicano.



Fonte: SOP AHM, 1922.

Apesar deste muro da frente ser exigido, pouco sabemos sobre como ele deveria ser construído, e sobre como as pessoas de fato o construíram. Alfredo Pacheco, por exemplo, proprietário do prédio número 77 da Rua Capote Valente, pede à prefeitura em 1921 a construção de um *"muro com gradeamento de madeira na parte superior e portão no centro também de madeira, em frente ao*

¹⁴ SOP AHM, caixa 5, processo 17534C, 11/02/1922.

PENSAR FORA DO EIXO

referido prédio"¹⁵, que nos dá uma indicação de quais são as características desses fechamentos. Estes, nas frentes do lote, eram portanto permeáveis, não se colocavam completamente como fechamentos altos, não quebram uma comunicação, visão, sons, a compreensão do que está do outro lado. Em certos momentos vemos um pequeno detalhamento nos pedidos: alguns são de *"muro com gradil"*, como os feitos por Maria de Souza e Silva, e por Philomena Gaiaffa nas aprovações que analisamos¹⁶. Este muro da frente, que marca uma divisão exigida pela municipalidade entre rua e quadra, se materializa como um muro baixo, com gradil em sua parte superior, às vezes com partes em madeira.

Enquanto isso, nos fundos do lote, buscar as pistas destas materializações se torna cada vez mais difícil, se recorrermos apenas às plantas e desenhos de pedidos de aprovação. Como vimos, pouca atenção é dada nestes desenhos ao que acontece nos fundos destes longos lotes do bairro de Villa Cerqueira Cesar. Praticamente não vemos pedidos de construção de "muros nos fundos" — a localização dessas construções é sempre vaga nas descrições. Antonio Januário de Vasconcellos, por exemplo, faz o pedido em 1918 para construir "[...] um muro de tijolos, sob o número 122 dos fundos de seus terrenos fazendo esquina com a Rua Theodoro Sampaio [...]"; Domingo Volpi, faz o pedido em 1904 para construir dez metros de muro no fundo do quintal¹⁷. Não são indicados por onde passam esses muros: estão conectados com outras partes já construídas? Apenas delimitam a linha final do lote com o vizinho dos fundos? Fecham o lote todo? Como delimitam, com apenas dez metros de muro, lotes profundos, em geral de 40 ou 50 metros?

Afinal, a Rua Capote Valente se insere na malha quadriculada do loteamento Cerqueira César. As ruas são, portanto, perpendiculares entre si formando quadras retangulares quase sempre com 100 metros por 200 metros. Os lotes são alinhados através de uma divisão da quadra em sua maior largura, e perpendicularmente são parceladas prezando o maior número de lotes possível. Dessa forma, a profundidade do lote de 50 metros predomina na região — metragem que também figura nos projetos de analisados, e desenhada em cartografias como o mapa Sara Brasil, como mostramos nas plantas anteriores.

Estes lotes profundos eram comprados por pequenos proprietários, que neles realizavam os pedidos de aprovação das construções. O olhar a outras fontes como os jornais de época nos mostra como as cercas nos lotes profundos existem, e marcam propriedades: o anúncio vende um

¹⁵ SOP AHM, caixa 3, doc 20, 1921.

¹⁶ SOP AHM, caixa 3, processo 12827-C, 05/01/1920, e processo 6395-C, 04/10/1920.

¹⁷ SOP AHM, caixa 2, doc 10, 18/09/1918; caixa E-14-363, processo 379, 16/08/1904.

PENSAR FORA DO EIXO

terreno "cercado de arame, medindo 47 metros de frente por 51 de fundo"¹⁸. Nos pedidos de aprovação, Adolpho Leite, proprietário de um terreno na Rua Capote Valente, requer a aprovação de uma casa onde vemos a adição "*Em tempo e também [faço o pedido do] alinhamento para 14 metros de cerca*"¹⁹, metragens que indicam que este foi pedido para apenas parte do lote. Nos comentários realizados para a aprovação do processo vemos escrito pela municipalidade "*Alinhamento pela cerca existente, frente 14 metros*", talvez nos fornecendo o indício de que se trata de um muro da frente. Na planta vemos as palavras "*cerca existente*", em uma linha que contorna os limites do lote.

Fechar os fundos com cercas nos coloca uma permeabilidade específica para esta cidade de que estamos tratando. Diferente do fechamento feito através de um muro alto²⁰, a cerca permite a visibilidade dos fundos dos outros lotes e quintais na mesma quadra, e das atividades ali exercidas — mesmo que estas sejam feitas em outras casas e quintais. Estes são espaços de diversas atividades no início do século XX, em bairros que iniciavam seu adensamento: a produção de alimentos, lavagem e secagem de roupas, os lugares de permanência e circulação de principalmente mulheres e crianças, além de animais de criação soltos; espaços de lazer com festas em quintais, jogos de bocha, brincadeiras; também o local de disputa, com brigas e crimes, muitas vezes o lugar de sepultamento (Lucchesi, 2018, 2021).

Uma notícia de jornal nos mostra a presença da cerca como um elemento urbano que apesar de separar espaços, também os conecta. Numa segunda feira de 1917, por volta das 16h30, estão na casa de Giacomo Garrini, na Avenida Rebouças 195, suas quatro filhas menores, uma senhora idosa e uma criada. Domingos Visconde, "*italiano, solteiro, de 30 anos*" que mora com o pai na Rua Rui Barbosa, se dirige à casa de Garrini em posse de um machado. Ao chegar na porta, tenta arrombá-la; as mulheres dentro da casa, mesmo com o susto, conseguem empurrar uma cômoda para bloquear a porta enquanto gritam por socorro. A vizinhança escuta os gritos, a "*sra. d. Rosa di Franco, residente á rua Capote Valente 4*" chega rapidamente à casa e, ao se deparar com Visconde, é por ele perseguida. Rosa consegue escapar "*galgando o quintal da casa vizinha*", mas

¹⁸ A *Gazeta*, ed.2671, p.4, 05/01/1915.

¹⁹ SOP AHM, caixa E-15-390, processo 406, 14/09/1905.

²⁰ A autora Teresa Caldeira (2000) discute em seu trabalho "Cidade de muros" o impacto que muros altos têm no processo de segregação das cidades em fins do século XX e início do XXI, muros e sensações urbanas muito diversas das divisões feitas através de cercas. A construção de muros altos como uma resposta a um discurso de aumento da violência, estratégia que "Tanto simbólica quanto materialmente, [...] estabelecem diferenças, impõem divisões e distâncias, constroem separações, multiplicam regras de evitação e exclusão e restringe movimentos" (Caldeira, 2000, p. 9).

PENSAR FORA DO EIXO

se fere ao transpor uma cerca de arame farpado durante a fuga. Um policial do posto de Villa Cerqueira Cesar chega rapidamente ao local, prendendo Visconde *"quando elle já havia cortado quatro fios da cerca dos fundos"* para tentar escapar.

As casas são vizinhas, estão na mesma quadra, dado que o local do ataque tem como endereço a Avenida Rebouças, e a vizinha é residente na Rua Capote Valente número 4, ruas que se cruzam. A proximidade entre as casas permite que Dona Rosa di Franco escute os gritos dos seus vizinhos, nos colocando algumas permeabilidades: casas próximas umas das outras, por onde se podem fazer acessos rápidos pelos fundos, e se escutam os sons. Por fim, com o ataque, as mulheres e crianças correm pulando as cercas de divisas dos terrenos das casas, atravessando quintais e terrenos vazios, mostrando que mesmo com a existência destas cercas, elas são espaços possíveis de serem saltados.

A experiência de passagem de um lote ao outro atravessando cercas, que aqui analisamos, mostra como aquele espaço é vivido pelas pessoas que ali circulam e o constroem, e é o que nos possibilita olhar de outra forma para a cidade, dando ênfase ao espaço poroso e interpenetrado do miolo da quadra, dos fundos dos lotes. Os furtos que são anunciados nos jornais também permitem vislumbrar esses atravessamentos de lote: Antonio Silva Pereira é acusado de furtar *"na noite de 11 para 12 de abril deste ano [1925], da cocheira na Rua Cônego Eugenio Leite número 5, uma vaca holandesa, pertencente a João de Sousa Leite"*²¹. Roubos pedem uma circulação entre terrenos, e o fechamento de cercas nos faz pensar o quão permeáveis são estas linhas de lote. O roubo de uma vaca consiste em entrar em um terreno abrindo um portão ou cortando uma cerca, levando o animal pelas ruas e por caminhos no meio das quadras para chegar até outra cocheira onde o animal de João seria escondido. Como já demonstramos aqui, as imagens aéreas de 1940 nos permitem vislumbrar alguns destes caminhos: as fotos mostram linhas que cortam as quadras pela repetição de pessoas e animais que cotidianamente circulam ali, fora da rua (Figura 8).

²¹ *Correio Paulistano*, ed.22211, p.5, 28/05/1925.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 8. Recorte de quadras da região do bairro de Villa Cerqueira Cesar nas fotografias de 1940.



Fonte: GeoSampa, 1940.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As regras impostas aos que constroem na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX exigem um muro da frente marcado; mas esta regra aparentemente não se coloca da mesma forma para os fundos, para o que está longe do alinhamento, para o que não se vê da rua. Os desenhos de plantas que vimos, e de certa forma também os mapas produzidos, impõem uma disposição específica à cidade: lotes um ao lado do outro, todos enfileirados, sempre no mesmo alinhamento, com frentes pequenas delimitadas pelas balaustradas, e longos fundos. A perspectiva adotada para estabelecer estas regras é uma visão da quadra feita a partir de quem está na rua, circulando por ela, e vê a cidade a partir deste lugar.

Esta perspectiva da cidade nos coloca uma visão de mundo específica, os indícios que evidenciamos nas plantas constroem um discurso de cidade ordenada, um “processo de consolidação de significados” que são associadas a determinadas visões de cidade (O’Donnell, 2021, p. 14). Todos na cidade deveriam construir suas casas seguindo as disposições definidas nas legislações: era constituída a ideia de que todos fariam parte de um projeto de cidade organizada. O controle sanitário das construções, as legislações e as grande obras realizadas na cidade marcaram o momento da primeira metade do século XX (Bonduki, 2017), e buscaram impor nesta cidade formas de morar, construir, habitar que deveriam ser seguidas por todos.

PENSAR FORA DO EIXO

A cidade que efetivamente se construiu está no entremeio, entre o projeto, entre a expectativa do que ela seria se fossem seguidas as disposições, e o que efetivamente era operado e construído pelas pessoas com as condições que elas tinham naquele momento. Esse entremeio resultante pode ser visto através da obrigatoriedade do muro, exigido pela legislação, mas que se coloca apenas em frente ao lote. O mesmo com a linha do lote, desenhada nos mapas com um protagonismo, mas que na vivência cotidiana da cidade não se materializa com o mesmo peso.

Esta forma de ver a cidade nos coloca outra perspectiva: a rua deixa de ser o único espaço para o deslocamento quando este pode ser realizado pelo meio da quadra, seja para cortar caminho ou realizar um furto. A porosidade destes lotes se constrói pela forma como as pessoas que ali vivem diariamente conseguem transpor e flexibilizar as fronteiras, dependendo de seus objetivos. A *porosidade* que utilizamos como conceito para descrever os fundos dos lotes é definida pelos caminhos que as pessoas materialmente realizavam nessas quadras, passando através de cercas e muretas no percurso, seja pulando estas, passando pelos portões, cortando os arames. O termo *porosidade* “deriva do grego póros, que significa ‘passagem’ ou ‘caminho’” (Carvalho, 2019, p. 40)²², que Walter Benjamin utiliza para descrever a cidade de Nápoles, na Itália, que conheceu na década de 1920. Suas impressões são de uma cidade onde a porosidade aparece na improvisação das moradias que eram construídas em qualquer tipo de espaço, de uma vida que mescla constantemente público e privado, que nos ajuda a construir este território permeável que observamos nas fontes:

Da mesma forma, a vida privada é dispersa, porosa e misturada. O que distingue Nápoles de outras grandes cidades é algo que ela tem em comum com o kraal africano; cada atitude ou ato privado é permeado por correntes de vida comunitária [...] Portanto, a casa é muito menos o refúgio para o qual as pessoas se retiram, do que o reservatório inesgotável do qual elas saem. A vida irrompe não apenas das portas, não apenas nos quintais da frente, onde as pessoas em cadeiras fazem seu trabalho (pois elas têm a faculdade de fazer de seus corpos mesas). Utensílios de casa pendem das varandas como vasos de plantas. Das janelas dos andares superiores saem cestas com cordas para correspondência, frutas e repolho. (Benjamin, 1986, p. 171)

A linha do lote que vemos em cartografias como o Sara Brasil, é materializada nas quadras do bairro Villa Cerqueira Cesar através de cercas de madeira e arame. Podemos pensá-las como divisórias permeáveis, encontros dos fundos dos lotes que são necessariamente marcados por trocas como

²² Bruno Carvalho, para compreender o bairro da Cidade Nova, no Rio de Janeiro do século XIX, também lança mão da ideia de porosidade de forma diversa da que neste trabalho utilizamos. O autor busca compreender a porosidade de um bairro extremamente diverso e plural, com permanências e mudanças através das diversas camadas de grupos o construíram, e que transformam esse espaço em lugares de “encontros multiétnicos e um vida cultural marcada por fluxos e permeabilidades” (Carvalho, 2019).

PENSAR FORA DO EIXO

uma membrana porosa, e que oscilam conforme os interesses que ali estão atuando. Estes espaços constituem *fronteiras*, como coloca Richard Sennett (2011)²³: diferente dos *limites*, ou *barreiras*, onde os espaços são completamente segregados entre si, as *fronteiras* são espaços que apesar de terem diferenças marcadas, são constituídos por trocas constantes. Se trata, portanto, de compreender a linha do lote materializada na cidade pelo gradil, criada para marcar uma separação entre os espaços, mas que como a membrana de uma célula deixa passar certos agentes e retém outros. Vemos animais como cavalos e galinhas confinadas nas cercas dos quintais, mas visualmente não se colocam barreiras, é possível interagir com essas fronteiras.

Vemos como estas cercas não eram assimiladas por aqueles que habitavam as casas como separações completas entre espaços. Deixam passar gritos por socorro, até mesmo pessoas e os animais que deveriam conter. Ao longo deste artigo, descrevemos como se configura esta porosidade entre lotes, turvando também os limites entre dentro e fora das linhas de lote extensamente traçadas em cartografias como o Mapa Sara Brasil. Buscamos olhar as imagens que constantemente são utilizadas para falar sobre as construções da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, mapas, imagens aéreas e plantas arquitetônicas. Mas olhar para estas entrecruzadas, com outros materiais, permitindo questionar o que vemos nessas imagens e como estas respondem a perguntas que fazemos a elas.

REFERÊNCIAS

ARANGO, Silvia. El plan arquitectónico como fuente histórica. In: UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA (org.). **Seminario fuentes no convencionales: escritos de profesores**. Bogotá: Univ. Nacional de Colombia, Fac. de Artes, 2006. (Textos : documentos de historia y teoría, nº 15). p. 59–76.

BENJAMIN, Walter. Naples. In: DEMETZ, Peter (org.). **Reflections: Essays, Aphorisms, Autobiographical Writings**. New York: Schocken Books, 1986. p. 163–173.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. 7. ed. São Paulo: Editora Estação Liberdade FAPESP, 2017.

BORIN, Monique Félix. Acervos históricos e estudos de urbanização: cruzamento de fontes urbanísticas e judiciárias como recurso metodológico. **Revista Thésis**, [s. l.], v. 2, n. 4, 2017. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/87>. Acesso em: 8 abr. 2025.

²³ Richard Sennett traz em seu texto a palavra “borders”, que aqui traduzimos como “fronteiras”, e para “boundaries” utilizamos a tradução de “limites”, ou “barreiras” (Sennett, 2011).

PENSAR FORA DO EIXO

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARNEIRO, Elisa Zocca. **Nos fundos da casa, o avesso da cidade**. 2025. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-08122025-171412/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

CARVALHO, Bruno. **Cidade porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasileira de geografia**, [s. l.], n. 5, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/5724#bodyftn3>. Acesso em: 31 out. 2024.

KUVASNEY, Eliane. **A representação da cidade de São Paulo nos albos do século XX: os mapas como operadores na construção da cidade espraiada**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

KUVASNEY, Eliane. Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s. l.], p. 167–182, 2016.

KUVASNEY, Eliane. Uso de mapas históricos na pesquisa sobre a cidade de São Paulo. Predominância de mapas disponíveis digitalmente e mapas autorreferenciais. **Confins**, [s. l.], v. 48, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/34437>. Acesso em: 5 nov. 2024.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **A República Ensina A Morar (Melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, etc.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

LÉVY, Jacques. Uma virada cartográfica?. In: CARTOGRAFIAS SOCIAIS E TERRITÓRIO. Rio de Janeiro: Ippur/Ufrj, 2008. (Coleção Território, Ambiente E Conflitos Sociais). p. 153–167.

LUCCHESI, Bianca Melzi De Domenicis. **Nos fundos da sociabilidade: usos e funções dos quintais populares paulistanos no final do século XIX e início do XX**. 2021. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

LUCCHESI, Bianca Melzi. Sociabilidade e cultura nos quintais populares de São Paulo no final do século XIX. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [s. l.], v. 62, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/36211>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MENDES, Ricardo. 1940, São Paulo: um mapeamento desconhecido. **Informativo do Arquivo Histórico de São Paulo**, [s. l.], v. ano 11, n. 38, 2015. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info38/i-noticias2.htm>. Acesso em: 11 mar. 2022.

PENSAR FORA DO EIXO

MENDES, Ricardo. S.A.R.A. Brasil: restituindo o Mapa Topográfico do Município de São Paulo. **Informativo Arquivo Histórico de São Paulo**, [s. l.], v. ano 10, n. 37, 2014. Disponível em: Disponível em <https://issuu.com/ahsp/docs/20150707-sara-separata-revisado>. Acesso em: 11 mar. 2022.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, [s. l.], n. 30, p. 142–155, 1996.

MENESES, José Newton Coelho. Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: O quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 69–92, 2015.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995. (, nº v. 32).

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PALMEIRA, Fabiana Oliveira; OLIVEIRA, Joana D'Arc de. Quintais negros urbanos e memórias no interior paulista. In: FERNANDES, Adriana; BARROS, Joana; LIMA, Lívia Morais Garcia (org.). **Cidades: Memórias, histórias e narrativas**. São Paulo, SP: Universidade Federal De São Paulo, 2022. (Estudos Urbanos). p. 105–127.

PAULILLO, Clarissa de Almeida. **Corpo, casa e cidade: três escalas da higiene na consolidação do banheiro nas moradias paulistanas (1893-1929)**. 2017. text - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-27062017-165107/>. Acesso em: 18 set. 2023.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos**. São Paulo: HUCITEC, 1994. (Estudos urbanos ; Série Arte e vida urbana, nº 5. 2).

REVEL, Jacques. CAPÍTULO IV: Conhecimento do território, produção do território: França, séculos XIII-XIX. In: A INVENÇÃO DA SOCIEDADE. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. p. 103–158.

SENNETT, Richard. Boundaries and borders. In: BURDETT, Ricky; SUDJIC, Deyan (org.). **Living in the endless city**. Londres: Phaidon Press, 2011. p. 324–331.

SIMMEL, Georg. A ponte e a porta. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, [s. l.], p. 11–15, 1996.